



Cidades em guerra

Apoena Mano¹

Giovanna Monteiro-Macedo²

Resenha do livro: KALDOR, Mary e SASSEN, Saskia. *Cities at War: Global Insecurity and Urban Resistance*. New York, Columbia University Press, 2020.

Cities at war

Cidades en guerra

Ghoutha é um subúrbio na região leste de Damasco, cidade que foi fortemente bombardeada – inclusive com bombas químicas – entre 2012 e 2018, durante o contexto da Guerra da Síria. Para além de configurações do conflito armado, é possível observar, nessa localidade, o que foi chamado de “Yogurt Run”. Apesar do regime sírio controlar a entrada e saída de mercadorias no território, um produtor local do ramo de laticínios conseguiu negociar com as forças em confronto um complexo acordo de circulação para sua “corrida do iogurte” – logística comercial que abastecia populações em ambos os lados da fronteira de guerra. Com esse exemplo, percebemos que, mesmo sob condições de conflito e profunda insegurança, a vida socioeconômica e urbana das cidades permanece em continuidade mediante diversificadas dinâmicas.

1 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) – São Paulo – Brasil - apoenamano@usp.br - <https://orcid.org/0000-0001-9114-0209>

2 Instituto de Estudos Sociais e Políticos - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ) – Rio de Janeiro – Brasil - giovannamonteiro@iesp.uerj.br - <https://orcid.org/0000-0003-0778-6600>

Lançada pela Columbia University Press em 2020, a coletânea “*Cities at War: Global Insecurity and Urban Resistance*” é co-editada por Mary Kaldor e Saskia Sassen. Para além de estudos sobre cidades e guerras com enfoques sobre a militarização e securitização das cidades (Graham, 2016), a obra é apresentada por sua proposta teórico-metodológica. Análises qualitativas sobre guerras contemporâneas podem ser produzidas por meio da observação de dinâmicas urbanas – um entrelaçamento entre temáticas que tornaram Kaldor e Sassen pesquisadoras prestigiadas. Perscrutar particularidades, como a logística fronteiriça em Ghouta, seria uma forma de analisar o estabelecimento de conflitos e as formas possíveis de reconstituição da segurança (p. 4).

Por meio dos oito estudos qualitativos apresentados no livro, percorremos localidades que apresentam diferentes configurações entre conflitos armados e suas consequentes reações urbanas. Para além do reconhecimento de aspectos destrutivos da violência produzida por diferentes atores nessas “Novas Guerras” (Kaldor, 2012 e 2018), somos provocados a observar com atenção as “Capabilidades Urbanas” (Sassen, 2012) que emergem com o estabelecimento de “redes e conexões para a continuidade das lógicas próprias da vida urbana” (p. 16).

Os três primeiros estudos de caso se desenvolvem em cidades determinadas por dinâmicas simultâneas de “guerra ao terror” e “paz liberal”. A cidade de Bamako, no Mali, é abordada com uma angulação sobre a missão de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no país do Oeste africano. O antropólogo Ruben Andersson detalha a complexa trama política composta por separatistas tuaregues no norte, um golpe militar, uma intervenção francesa e a subsequente chegada das forças de paz da ONU, que permaneceram no país entre 2011 e 2017 (p. 25). A “paz liberal” é uma noção indicativa de uma combinação de forças internacionais compondo estruturas que criam novas identidades e alteram subjetividades previamente estabelecidas. Essa questionável indicação de “paz” é explorada pelo autor ao descrever a presença internacional em meio ao conflito.

Justificada por protocolos de segurança, a designação do Hotel L’Amitié como base de operações simboliza aspectos complementares dessa dinâmica: visitantes, oficiais militares, funcionários da ONU, agentes humanitários e encarregados de segurança habitam principalmente a região de Bamako formada por restaurantes, clubes noturnos e serviços turísticos. De modo geral, a missão de paz permanece remotamente distante dos conflitos no norte do país, em cidades como Gao, Timbuktu e Kidal (p. 29). O gerenciamento de riscos ao redor desses atores internacionais se tornou notório devido ao contraste em meio à continuidade das demais dinâmicas urbanas e populares da cidade. Detalhando uma escalada dos conflitos até Bamako, Andersson demonstra que tal

posicionamento da missão de paz acarreta um fortalecimento da divisão socioespacial entre a base de operações na capital e o interior perigoso no norte do país, enfraquecendo a possibilidade de diálogos em direção ao encerramento do conflito.

Em seguida, chegamos às cidades de Cabul e Farza. Embora sejam cidades geograficamente próximas no Afeganistão, o cientista político Florian Weigand às descreve pela dicotomia entre características “urbanas” e “rurais”. Analisando diferentes “percepções de segurança” nessas localidades, o autor afirma que práticas securitárias envolvendo a população podem ser benéficas para a sensação coletiva de segurança e, conseqüentemente, para a legitimidade do Estado (p. 66). Em uma proposta comparativa, as duas cidades são analisadas conforme percepções locais sobre as forças de segurança que existem em paralelo: polícia, exército, exército internacional e talibã.

O autor destaca a “geografia da insegurança” na cidade de Cabul, ressaltando o cerco formado por muros e postos de checagem de segurança. Conseqüentemente, as principais fontes de insegurança dos moradores estão relacionadas aos insurgentes e ao aumento de crimes “urbanos” (principalmente devido a assaltos e sequestros). Isso porque as ações securitárias estatais são mais voltadas à segurança nacional do que urbana (p. 61). Em seguida, descrições sobre Farza seguem uma estrutura análoga. A geografia da insegurança é condicionada por disputas do Talibã, e os entrevistados mencionaram que a região possui poucas forças de segurança paralelas. Suas principais críticas se relacionavam a serviços básicos, como eletricidade e o sistema de saúde (p. 67). Nessa perspectiva comparativa entre uma área “urbana” e uma “rural”, é possível que percepções de segurança sejam produzidas para além do que é explicitado na análise – como o senso de comunidade que promove senso de pertencimento aos habitantes.

Bagdá, no Iraque, é explorada no terceiro capítulo como exemplo de uma cidade sob a dinâmica de “guerra ao terror”: o uso de força militar contra atores não-estatais mediante uma coalização de forças estatais e privadas. Fundamentado em entrevistas conduzidas com iraquianos na Síria entre 2003 e 2010, o pesquisador Ali Ali aborda como o zoneamento da cidade produziu diferentes níveis de (in)segurança para a população. Sua proposta central é compreender a experiência de moradores do bairro de Al Ghazaliyya, recorrendo a relatos locais para desenvolver descrições detalhadas sobre como processos locais de militarização, zoneamentos e exclusão afetam o cotidiano urbano. Adnaan, um oficial da Guarda Republicana, deixou seu apartamento na parte central de Bagdá devido à exclusão política dos xiitas do governo. Após uma fracassada tentativa de trabalhar como taxista, ele formalizou uma proposta de criação de uma milícia junto

ao governo do Iraque. Tal proposta foi recusada, mas aceita pela intervenção dos EUA por um período limitado. Já Um Ahmed, uma professora casada, começou a receber ameaças de vizinhos por ser xiita e foi levada a se mudar para um bairro perto de seu pai. Nesses dois casos, a vida cotidiana é profundamente atravessada pelas mudanças produzidas no conflito que ocorre na cidade.

Os capítulos 4, 5 e 6 tratam de fenômenos distintos ao descrever cidades onde a “guerra ao terror” se intersecta com formas localizadas de violência. A maior área metropolitana binacional do mundo é o enfoque empírico do capítulo sobre a fronteira entre as cidades de Juarez e El Paso – México e Estados Unidos da América. Martin desenvolve o conceito de “cultura de segurança” como um “estilo ou um padrão de fazer segurança que reúne uma gama de componentes interligados (narrativas, regras, ferramentas, práticas etc.) que estão inseridos em um conjunto específico de relações de poder” (p. 105). Seguindo essa definição, nessa região, é possível perceber intersecções entre três diferentes modalidades de culturas de segurança: fronteira, pública/cidadã e neoliberal. Tais culturas são produzidas por tensões entre o governo dos países e efeitos das políticas de segurança sobre a população e as empresas que operam na região. Após um detalhamento histórico da região com base nessas noções, a autora conclui que a principal “capabilidade” de Juárez seria uma habilidade local de navegação entre culturas de segurança em uma região de fronteira que simultaneamente une e divide as cidades Juarez e El Paso.

Karachi, no Paquistão, é explorada no Capítulo 5 por Sobia Ahmad Kaker. Inicialmente, a autora retorna a 1980 para explorar as disputas entre grupos etnopolíticos, gangues criminosas e forças de segurança do Estado que caracterizam o conflito. Contudo, a violência se expandiu com o início da “guerra ao terror” em 2001, quando o Estado paquistanês se aliou às forças dos EUA contra a Al-Qaeda e o Talibã. Sob influência de Teresa Caldeira, a ideia de “enclavização” é apresentada para perscrutar os recursos materiais e discursivos componentes dessas formações fixas relacionadas a uma sensação de segurança. A autora argumenta que processos de enclavização em Karachi produzem um paradoxo (p. 137): quando produzidos por populações de classe média e alta, são apoiados pelo poder público, mas a enclavização popular em regiões estigmatizadas pela pobreza é criminalizada e combatida com violência pelo Estado.

No estudo sobre Goma, na República Democrática do Congo, Karen Buscher ressalta a continuidade das atividades comerciais na fronteira africana com Ruanda, apesar do conflito violento. Durante o Capítulo 6, ela argumenta que determinadas cidades são elevadas à posição de “refúgios de segurança” (p. 166) e assumem determinada importância no cenário mais amplo dos conflitos em

que estão inseridas. As múltiplas interações entre funcionários de ONGs internacionais, jovens empresários congolezes, funcionários da ONU, oficiais do Estado, comerciantes transfronteiriços, refugiados internos, empresas de segurança e movimentos sociais definem a paisagem urbana de Goma como espaços de grande diversidade e capacidade cívica. Durante oito anos de pesquisa de campo, Buscher pôde perceber que diferentes atores possuem maneiras particulares de navegar o mesmo espaço urbano. Com base em suas próprias agências espaciais e políticas, são desenvolvidas novas “Capabilidades Urbanas” (pp. 175-176) em contextos de crise e violência. O capítulo inclui diversos exemplos sobre incentivos a essas capacidades cívicas: por exemplo, o festival anual Amani, cuja missão é estabelecer uma celebração jovem e artística da resiliência de Goma sob o contexto do conflito violento; e a própria Missão das Nações Unidas (MONUSCO), que simboliza o engajamento da comunidade internacional na construção de uma cidade segura – apesar de sua presença, legitimidade e (in)ações serem assunto de um acirrado debate entre os habitantes de Goma.

Os dois últimos estudos de caso apresentam cidades com limitada presença de atores internacionais. Produzido por três co-autores, o Capítulo 7 examina as chamadas “novas abordagens” para a segurança urbana na cidade de Bogotá, na Colômbia. O objetivo do capítulo escrito por Johannes Rieken, Efraín Garcia Sanchez e Daniel Bear é apresentar transformações na segurança pública da cidade mediante estímulos públicos à cidadania. Esse processo teria sido bem-sucedido apesar de circunstâncias de disputas entre forças de segurança do Estado, grupos guerrilheiros, cartéis de drogas, grupos paramilitares e pequenas organizações de crime organizado.

Em princípio, os autores examinam um entendimento convencional de segurança pública com destaque à importância de estruturas físicas e instituições diretamente encarregadas de criar proteção às cidades. De modo oposto, uma alternativa seria a ênfase sobre diferentes aspectos sociais – como o comportamento cidadão, o funcionamento dos sistemas de transporte público, a manutenção de parques e os grupos de bairro. Bogotá é um estudo de caso particular, pois oferece exemplos simultâneos dessas duas vertentes (p. 184). Devido ao apoio estadunidense contra o chamado narcoterrorismo, houve uma rápida modernização do sistema de aplicação da lei colombiano. Contudo, essa ênfase sobre o desenvolvimento de forças de segurança do Estado ocasionou em forças securitárias mais capazes de combater guerrilheiros e paramilitares do que de proteger os próprios cidadãos urbanos. Durante o mandato dos prefeitos Antanas Mockus e Enrique Peñalosa, a governança urbana de Bogotá se desenvolveu mediante uma “*cultura ciudadana*”, que produziu reduções em indicadores

de violência. De acordo com os autores, esse resultado não poderia ter sido alcançado apenas por meio de um endurecimento das leis e seus sistemas de aplicação. Para tanto, foi necessário lidar com as crenças, interesses e emoções constitutivas da cidadania urbana – uma adequada ilustração do conceito de “Capabilidades Urbanas” (pp. 194-197).

No capítulo 8, a pesquisadora especialista em Balcãs, Vesna Bojicic-Dzelilovic, discorre sobre Novi Pazar – cidade localizada numa região que conecta Sérvia, Montenegro, Bósnia-Herzegovina e Kosovo. Abordando o histórico de transformações sociourbanas, a autora menciona que, durante o Império Otomano, Novi Pazar foi a segunda maior cidade depois de Sarajevo. Apresentando relativa prosperidade econômica por muitos anos, sanções aplicadas internacionalmente aos países da antiga Iugoslávia durante a guerra fria causaram fortes impactos. Mesmo assim, o comércio da cidade permaneceu à margem dessas regulações, principalmente porque barreiras étnicas eram pouco relevantes devido a proximidades socio-territoriais – ainda que os bósnios-muçulmanos fossem mais favorecidos por esse comércio. Elementos de insegurança passam a reconfigurar a cidade. Uma urbanização parcialmente resultante da migração exacerbada provocada pela guerra ocasiona o aumento da pobreza e da “desordem urbana” (p. 218). Ao mesmo tempo, destaca-se um novo elemento: um processo de islamização provocado pelas elites locais. Esse processo político-religioso é resultado de uma forçosa tentativa sérvia de constituição de um Estado-Nação, provocando uma divisão ainda maior na composição sócio-urbana da cidade. Na conclusão, a autora destaca que as capacidades civis que mantiveram a cidade em funcionamento ao longo de conflitos armados são afetadas por essa nova dinâmica de divisão interna da cidade (p. 222).

Encerrando o livro, Kaldor e Sassen revisitam os estudos que compõem a obra com base na proposta de um “urbanismo tático” (p. 227). Contudo, embora pareça convincente enquanto formulação teórico-metodológica, o argumento central do livro não parece eficaz ao longo dos capítulos. Uma crítica central é que os estudos de caso não consideram dinâmicas subjetivas em relação aos contextos analisados. Etnografias realizadas em cidades atravessadas por circunstâncias de violência urbana já consolidaram o argumento de que percepções de insegurança também são moldadas por posições de gênero, raça e classe (Das, 2006 – por exemplo) – aspectos que não são explicitados durante os capítulos que compõem o livro. De modo paralelo, indicamos que, embora haja notável diversidade empírica nas pesquisas apresentadas, o enfoque específico sobre o “Sul Global” acaba por reforçar estereótipos sobre a região.

Contudo, apesar dessas limitações, reforçamos que Kaldor e Sassen trazem na obra uma interessante contribuição sobre conflitos urbanos contemporâneos, principalmente nas reflexões apoiadas em perspectivas locais de habitantes e grupos sociais que reproduzem a vida e o cotidiano sob contextos de guerras e insegurança.

Referências:

- DAS, Veena. *Life and Words: Violence and the Decent into the Ordinary*. Berkeley, University of California Press, 2006.
- GRAHAM, Stephen. *Cidades sitiadas: O novo urbanismo militar*. São Paulo, Boitempo, 2016.
- KALDOR, Mary. *New and Old Wars*, 3. ed. Cambridge, Polity, 2012.
- KALDOR, Mary. *Global Security Cultures*. Cambridge, Polity, 2018.
- SASSEN, Saskia. Urban Capabilities: An Essay on Our Challenges and Differences. *Journal of International Affairs*. Columbia University, v. 65 n. 2, 2012, pp. 85-95.

Recebido em: 04/10/2023

Aprovado em: 24/10/2023

Como citar esta resenha:

- MANO, Apoena; MONTEIRO-MACEDO, Giovanna. Cidades em guerra. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 13, n. 2, maio - agosto. 2023, pp. 655-661.